

BOLETIM

49

Sociedade
Numismática
Brasileira
inverno 2000





Domingos A. de Sequeira, *del.* Real Efigie de D. João P.F.
Cypriano da Silva Moreira, *grav.* 1804/11 - Ensaio de estanho

DA NUMISMÁTICA PARA A EMBLEMÁTICA: O RETRATO ESQUECIDO DE DOMINGOS SEQUEIRA

ANTÓNIO MIGUEL TRIGUEIROS

Introdução

| 27

A realização em 1999, em Lisboa e no Rio de Janeiro, de uma grande exposição dedicada ao rei D. JoãoVI de Portugal e do Brasil, no âmbito das Comemorações Luso-Brasileiras dos 500 anos da descoberta do Brasil e na qual o autor foi o responsável pelas secções de Numismática, Medalhística, Ordens Militares e Condecorações, levou-o a pesquisar a origem e a evolução iconográfica do retrato do rei gravado em moeda, em insígnias emblemáticas e em condecorações criadas nesse reinado.

Dessa investigação, levada a cabo nos arquivos históricos da Casa da Moeda de Lisboa e do Museu Militar de Lisboa, em conjugação com um estudo anteriormente efetuado sobre o grande e valioso acervo das insígnias de Ordens Militares e condecorações portuguesas existente no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, resultou a descoberta de que esse retrato real foi desenhado em 1802 por um dos maiores artistas portugueses da época e utilizado de forma sistemática e exaustiva (muito embora por diferentes gravadores) em todas as peças de ouro cunhadas nas Casas da Moeda de Lisboa e do Rio de Janeiro, nas moedas de bronze continentais, no anverso da insígnia da Ordem da Torre e Espada (1808) e em todas as condecorações militares instituídas desde 1820 (Guerra Peninsular) até 1825.

Este artigo pretende ser uma introdução à comunicação que o autor irá apresentar ao Congresso Luso-Brasileiro de Numismática (São Paulo e Rio de Janeiro, Outubro de 2000), onde serão então divulgados os documentos inéditos que permitiram, pela primeira vez, estabelecer com rigor científico as características das primitivas insígnias dos diferentes graus da Ordem Militar da Torre e Espada, quer das do modelo dito “português”, quer das do modelo dito “brasileiro” e resolver o mistério do ensaio de prata conhecido por “medalha do Valor e Lealdade”.

O Retrato Esquecido de Sequeira

Existe um retrato do Príncipe Regente D. João, desenhado por Domingos António de Sequeira (1768-1837), que tem andado esquecido dos estudiosos da sua vasta obra e dos compêndios de História da Arte em Portugal, apesar de ter sido referido em 1832 e referenciado em 1877, apesar de figurar em todos os catálogos de numismática portuguesa e brasileira.

Foi essa real efígie, que começou por ser um retrato numismático e se transformou na memória iconográfica e emblemática mais importante de todo o reinado de D. João VI, que mereceu uma referência muito especial na exposição *D. JOÃO VI E O SEU TEMPO* (Lisboa, Maio – Julho 1999; Rio de Janeiro, Novembro 1999) e pode ser apreciado no excelente catálogo editado pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (Numismática, Medalhística, Ordens Militares e Condecorações, pp. 217 – 238).

Um Retrato Numismático

28

A numária de D. João, Príncipe Regente (1799-1816) e Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e dos Algarves (1816-1826), apresenta três distintivos emblemáticos e monetários peculiares que a caracterizam. Nas amoedações de ouro, iniciadas em Lisboa em 1802, o desenho do busto real é da autoria de Domingos António de Sequeira (1768-1837), tendo sido utilizado exaustivamente em todas as cunhagens das peças de ouro das Casas da Moeda de Lisboa e do Rio de Janeiro até à morte do soberano¹.

O mesmo retrato foi também gravado numa das mais famosas moedas desta época, o *palaco* de bronze, criado em 1811 para rebater a praga do papel-moeda em circulação (“Apólices do Real Erário”) e para facilitar as pequenas transacções.

O terceiro distintivo numismático deste período ilustra um importante marco da história de Portugal e do Brasil, ficando como perene testemunho da Carta de Lei de 13 de Maio de 1816, que concedeu ao Brasil as suas primeiras Armas (*uma Esfera Armilar de Ouro em campo azul*) e incorporou num só escudo as armas dos três reinos de Portugal e dos Algarves (*o Escudo Real Português*) e do Brasil, criando as *Armas do Reino Unido de Portugal e do Brasil e Algarves*, que as moedas cunhadas, desde 1818, continuaram a honrar até à morte de D. João VI.

Um Retrato Romântico

Desde 1722, no reinado de D. João V, que a moeda de ouro portuguesa passou a ser cunhada com a efígie do soberano, servindo, por isso, de veículo privilegiado de divulgação da real parecência. No reinado de D. Maria I, a moeda de ouro mostrou três retratos diferentes da soberana, o que já não sucedeu com D. João: durante 23 anos não houve qualquer mudança, sempre mostrou o mesmo retrato, primeiro como príncipe regente e, depois, como rei.

Sempre o mesmo retrato, aquele que bem podemos chamar de «o retrato esquecido de Domingos Sequeira», pela primeira vez apresentado e publicamente divulgado na exposição *D. JOÃO*

VI E O SEU TEMPO, em complemento aos registros publicados da obra desse grande artista português, onde não figura².

Tendo as primeiras provas das moedas de ouro do Príncipe Regente (peças ditas “*de Jarra*”, pelo formato peculiar dos ornatos que ladeiam o escudo real) sido aprovadas a 5 de Novembro de 1802³ e sabendo-se que a gravura do punção do retrato, pacientemente aberta a buril no aço macio pelo 2.º abridor Francisco Xavier de Figueiredo (?-1818), depois endurecida e transposta para as matrizes e para os cunhos de serviço, demoravam sempre muitos meses a concluir, a retocar e a experimentar (há ensaios desse trabalho no Museu Numismático Português, em estanho e cobre⁴), tudo indica que o desenho original de Sequeira foi encomendado, aprovado e entregue na Moeda logo após a sua nomeação como *Primeiro Pintor de Corte* (1802, 28 de Julho), talvez tenha sido mesmo este retrato a sua primeira comissão nessa qualidade.

Um Imperador Antes do Império

Na primeira metade do ano de 1802, Portugal estava ainda no rescaldo doloroso de dois acontecimentos marcantes para a época: uma curta, mas desastrosa guerra com a Espanha, em Maio de 1801 – a épica “guerra das laranjas” que nos fez perder a cidade de Olivença – e a morte do primogénito de D. João, o príncipe real D. António, em Julho. Nada havia de glorioso a celebrar, nada havia de “imperial” a comparar nesses meses conturbados, nesses anos que antecederam a mudança dos tempos.

Com uma formação artística marcada pela sua prolongada estada em Roma (de 1788 a 1795), Domingos Sequeira tem sido descrito como um romântico, um visionário místico: nada melhor que este retrato numismático do Príncipe Regente para o confirmar.

Fruto de uma visão interior, indo mais além do que a realidade permitia vislumbrar, Sequeira esboça uma figura imperial antes do Império, um soberano trajando à maneira dos imperadores romanos, cujas moedas desde os tempos de Trajano assim os mostravam: *busto à dir., laureado e drapejado, com paludamento preso sobre o ombro direito e um grande laço pendente da nuca.*

Toda uma Memória Emblemática

E foi tal a boa aceitação desta real efígie que, não só não mais sofreu qualquer modificação, como também foi logo enviada em finais de 1804 para a Casa da Moeda do Rio de Janeiro (os punções, matrizes e cunhos foram gravados pelo 1.º abridor José Gaspard (1727-1812) e pelo 4.º abridor Cipriano da Silva Moreira (1755-1826), apresentando um perfil da real efígie bem distinto do perfil das peças de 1802); serviu ainda em 1811 para ornamentar o anverso do *pataco* de bronze de 40 réis (com gravuras de Cipriano da Silva Moreira, em tudo idênticas às das peças cunhadas desde 1805); foi utilizada como modelo para o distintivo da nova *Ordem Militar da Torre e Espada*, criada no Rio de Janeiro em 1808, cujas insígnias foram fabricadas em Lisboa, no Real Arsenal do Exército e no Rio de Janeiro, na Casa da Moeda (com diferentes gravuras numismáticas, dando assim origem aos modelos ditos “português” e “brasileiro”); e, também, para as medalhas ditas da *Vila-Francada* ou da *Poeira*, cujo verdadeiro nome é da *Fidelidade ao Rei e à Pátria* (cunhadas de 1823 a 1825 na Casa da Moeda de Lisboa⁵); para as

medalhas de distinção da Divisão Realista do 1.º Marquês de Chaves, conhecidas por *Heróica Fidelidade Transmontana* (cunhadas na Casa da Moeda de Lisboa, em 1823 e 1824⁶); e, finalmente, para uma das mais carismáticas e raras insígnias emblemáticas de D. João VI, a sua jóia de “*retrato cercado de diamantes e âncoras*”, distribuída aos oficiais e guardas-marinhas das naus inglesas *Windsor Castle* e *Lively*, e da corveta francesa *Zébre*, surtas no Tejo em Maio de 1824, quando da intentona do infante D. Miguel (Abrilada) e da residência marítima do rei (o busto real foi cunhado na Casa da Moeda de Lisboa, segundo o modelo de Domingos Sequeira – ensaio JR E1.06 do catálogo de Alberto Gomes – e depois montado na insígnia pelo ourives da Casa Real, António Gomes da Silva⁷).

Rei e Imperador

É caso para se dizer que toda a memória emblemática de D. João VI se deve a um retrato de gênio, a uma visão romântica de Domingos António de Sequeira.

Divulgada e popularizada pelo curso normal das moedas, quais mensageiras de uma boa nova que tardava em vir, a visão de Domingos Sequeira concretizou-se: D. João VI, o bom rei D. João, foi o único Rei-Imperador que Portugal teve e o primeiro e verdadeiro Imperador do Brasil, onde ainda hoje continua a ser, na lembrança dos povos.

Lisboa, 29 de Abril de 2000

¹ Cyrillo Volkmar de Machado, *Colecção de Memórias relativas às vidas dos Pintores e Escultores, Architectos, e Gravadores Portugueses...*, Lisboa, 1823, p. 281. Também referido por Teixeira de Aragão, in *Descrição Geral e Histórica das Moedas...*, t. II, Lisboa, 1877, p. 138.

² Sequeira – *Um Português na Mudança dos Tempos*, catálogo da exposição, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, 1997.

³ Teixeira de Aragão, ob. cit., p.137.

⁴ Alberto Gomes, *Moedas Portuguesas...*, Lisboa, 1996, p.364.

⁵ Arquivo Histórico da Casa da Moeda, *Registo da Correspondência Recebida*, Livro 14.º, fols. 14 a 40. Foram cunhadas, no total, 2 602 medalhas de prata dourada para oficiais e 10 185 medalhas de prata para soldados.

⁶ Idem, *Medalhas que entrega o fiel José Maria de Barros fabricadas da prata que recebeu para moeda, 1823-1824*, Arq. I, Maço 727. Foram cunhadas 1 100 medalhas de prata dourada para oficiais e 3 424 medalhas de prata para soldados.

⁷ Idem, *Registo da Correspondência Recebida, ibid*, fol. 28 (14 de Junho de 1824, do Marquês de Palmela para o Conde da Póvoa e deste para o Provedor da Casa da Moeda, Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque). Apenas são conhecidas, actualmente, 15 destas insígnias-jóias de retrato orlado de diamantes.



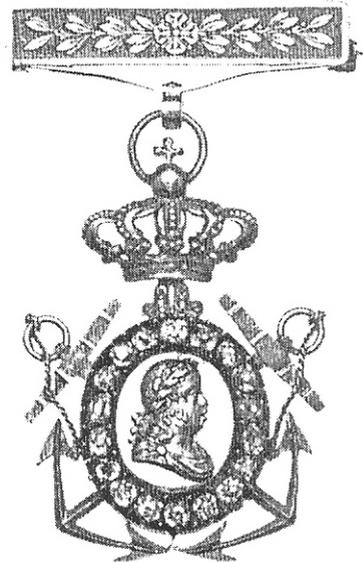
Desenho ampliado do busto do Príncipe Regente D. João, segundo modelo original de Domingos António de Sequeira, como figura nos patacos de bronze e nas peças de ouro de Lisboa e do Rio (Teixeira de Aragão, est.^a LI, n.º 22).



Ensaio de estanho do punção de retrato gravado por Cipriano da Silva Moreira e enviado em 1804 para a Casa da Moeda do Rio de Janeiro, conforme inscrição a estilete por baixo do busto (Alberto Gomes, JR E1.01, pg 362).



Anverso da medalha de distinção “Heróica Fidelidade Transmontana”, cunhada na Casa da Moeda de Lisboa (1823-24).



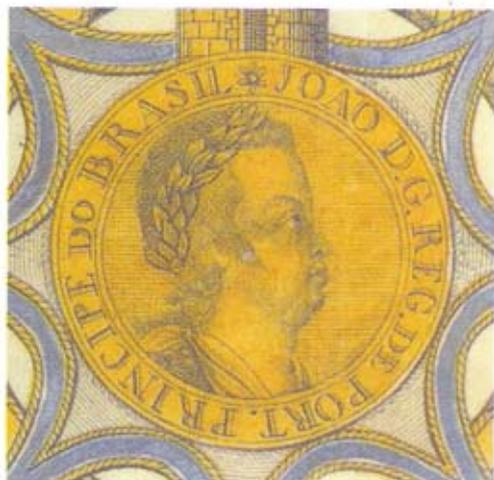
Anverso da medalha-jóia de D. João VI, com diamantes e âncoras, com que foram condecorados os oficiais das naus inglesas “Windsor Castle” e “Lively” e da corveta francesa “Zébre” (1824).



O retrato numismático de D. João:

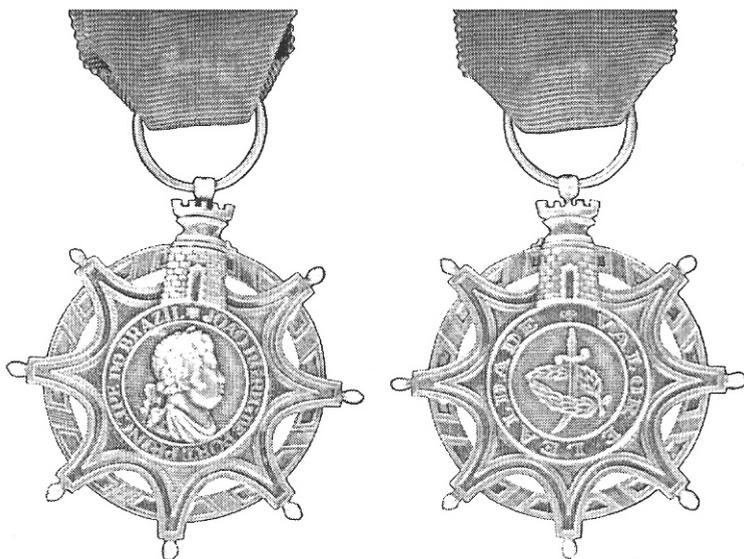
Em cima – Desenho de Domingos António de Sequeira de 1802 (“*Um Imperador antes do Império*”) e impressão em estanho do punção de retrato enviado para a Casa da Moeda do Brasil em 1804, obra do gravador Cipriano da Silva Moreira (Museu da Casa da Moeda, Lisboa)

Em baixo – Retrato de D. João VI, em campo liso, em moeda de ouro cunhada e no desenho original de 1808-1809, da Ordem da Torre e Espada, em campo estriado, da Imprensa Régia do Rio de Janeiro. Em ambos a legenda refere “Brasil”, a grafia numismática usual.









Hábito de Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada (anv. e rev.) do modelo fabricado no Real Arsenal do Exército de Lisboa (1808).



Busto ampliado da insígnia da Ordem da Torre e Espada cunhada em Lisboa.

Obs.: as imagens não correspondem ao tamanho real das peças.

